

**VIOLÊNCIA OU EXIBIÇÃO DE VIRILIDADE?
COMPORTAMENTOS MASCULINOS NOS LIVROS DE LINHAGENS
PORTUGUESES DA IDADE MÉDIA**

Manuela SANTOS SILVA
mss@letras.ulisboa.pt

Centro de História da Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras

ABSTRACT

This paper will use as its main primary sources, some narratives and other pieces extracted from Portuguese Middle Ages' Genealogical Books, aiming to introduce violent characters and situations through some case studies.

The goal of our study will be not only to present a spectrum of male behaviour marked by aggression, but also to reflect what attitudes were considered normal in a man, any man, as identity behaviour of virility and which ones transcended this normality and are atypical. For this purpose, we will examine original terminology to find out how these behaviours were seen and judged by their witnesses.

This is also a first attempt of using Gender History analyses' perspectives in the study of these very rich medieval sources.

KEYWORDS

Violence, virility, lineage.

Este Rodrigo Gonçalvez foi casado com dona Enes Sanchez. Ela estando no castelo de Lanhoso, fez maldade com uum frade de Boiro, e dom Rodrigo Gonçalves foi desto certo. E chegou i e cerrou as portas do castelo, e queimou ela e o frade e homens e molheres e bestas e cães e gatos e galinhas e todas cousas vivas, e queimou a camara e panos de vistir e camas, e nom leixou cousa movil.

E alguns lhe preguntaram porque queimara os homens e as molheres, e el respondeo que aquela maldade havia XVII dias que se fazia e que nom podia seer que tanto durasse, que eles nom entendessem alguma cousa em que posessem sospeita, a qual sospeita eles deverom descobrir.

LL 21G11

O episódio que escolhi para iniciar esta breve reflexão sobre os conceitos de violência e de virilidade, a partir de narrativas insertas nos Livros de Linhagens portugueses da Idade Média, descreve propositadamente uma situação extrema. A ação de Rodrigo Gonçalves não estava apoiada no quadro legislativo ou mesmo religioso da época, mas a nível social seria justificável pela necessidade de não deixar impune a situação de adultério da sua mulher¹. Porém, o que extravasa a normalidade consuetudinária é o facto da lavagem da honra ferida do marido enganado visar não

¹ G. Duby, "Morale des prêtres, morale des guerriers", in *Le Chevalier, la Femme et le Prêtre. Le mariage dans la France féodale*, Paris, 1981, 27-59.

apenas Inês Sanches e o frade do mosteiro de Bouro com quem cometera o ato mas todo o ambiente social em que a “maldade” ocorrera, considerando coniventes todos os que dela tinham tido conhecimento sem o delatarem, ou que não tinham estado atentos ao que se estava a passar na ausência do seu senhor.

Serve-nos assim este episódio para enunciar, logo à partida os pressupostos da análise que vamos levar a cabo. Muitas das narrativas a que iremos aludir incidem sobre situações em que os atos violentos praticados são compreensíveis ou até mesmo necessários, à luz da mentalidade da sua época e talvez mesmo de outras épocas. Assim, embora sejam descritos comportamentos de grande violência, o contexto é muitas vezes justificativo dos mesmos. Porém, alguns dos episódios escolhidos para caracterizar determinados indivíduos demonstram que, mesmo nos seus contemporâneos, a hiperbolização das reações violentas que lhes são atribuídas, geraram o espanto e a crítica.

A nossa análise incidiu sobre os três Livros de Linhagens elaborados, não por acaso, nos reinados de D. Dinis – o chamado *Livro Velho de Linhagens*² – e de D. Afonso IV – o chamado *Livro do Deão*³ e grande parte do chamado *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*⁴ –, no rescaldo já de um primeiro momento de fortalecimento, a todos os níveis, do poder régio face ao, até aí quase que paralelo, exercício de poder por parte da nobreza senhorial de raízes ancestrais. O aparecimento destes nobiliários coincide com outras ações patrocinadas por descendentes das antigas linhagens contemporâneas da fundação da dinastia reinante⁵, tendo como objetivo contribuir para a formação de uma consciência de classe por parte da nobreza, não limitada ao reino de Portugal, mas a toda a espacialidade nobiliárquica peninsular e não só⁶.

Estes três livros de linhagens têm sido utilizados por historiadores e outros estudiosos do texto medieval, sobretudo como apoio de estudos sobre a nobreza – em reconstituições genealógicas e estudos prosopográficos⁷ –, como matéria de estudo das relações entre a nobreza e o poder régio⁸, nomeadamente como apoio do estudo de Inquirições da mesma época⁹, e, aproveitando, tal como nós, os passos narrativos incluídos em todos eles como acrescentos explicativos e caracterizantes de diversas

² “Livro Velho de Linhagens”, in *Livros Velhos de Linhagens*, edição crítica de J. Piel e J. Mattoso, Lisboa, 1980, 23-60. Doravante referido como LV.

³ “Livro de Linhagens do Deão”, in *Livros Velhos de Linhagens*, edição crítica de J. Piel e J. Mattoso, Lisboa, 1980, 61-214. Doravante referido como LD.

⁴ *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, edição crítica por José Mattoso, vol. 2.1 e 2.2, Lisboa, 1980. Doravante referido como LL.

⁵ Por exemplo, “o trovador João Soares Coelho (...) tentou aumentar o prestígio do seu ramo criando uma gesta em torno do seu trisavô Egas Moniz (...) no reinado de Afonso III” (J. Mattoso, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, Lisboa, 1982, 56).

⁶ J. Mattoso, “Os livros de linhagens portugueses e a literatura genealógica europeia da Idade Média”, in *A Nobreza Medieval Portuguesa. A família e o Poder*, Lisboa, 1980, 35-54; L. Krus, *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380)*, Lisboa, 1994.

⁷ Como nas obras referidas na nota anterior ou em Mattoso, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, por exemplo.

⁸ J. Mattoso, *Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal (1096-1325)*, 2 vol., Lisboa, 1985.

⁹ J. Mattoso – L. Krus – O. Bettencourt, “As Inquirições de 1258 como fonte da história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa”, *Revista de História Económica e Social*, Lisboa 9, 1982, 17-74.

personagens e suas famílias¹⁰, para o estudo literário e simbólico de alguns mitos e lendas como o da “Dama Pé-de-Cabra” entre outros¹¹.

O nosso material de análise está assim nas narrativas do Livros de Linhagens, nomeadamente naquelas que José Mattoso escolheu para o seu livro com este mesmo título, e de que destacámos já o episódio com que iniciámos este texto¹². Estas narrativas consistem em pequenas histórias sobre uma ou mais personagens – familiares, oponentes, etc. – que ajudam não só a quebrar a enumeração genealógica daquelas fontes, mas que sobretudo auxiliam a identificação de personagens cujos feitos heroicos ou anedóticos deviam ser do conhecimento dos seus contemporâneos ou dos seus imediatos sucessores. Muitas delas começam precisamente por dizer “E este foi o que fez tal coisa, ou conquistou a cidade de tal, ou que pertencia ao séquito do rei tal” com claros intuitos de apelar à memória dos seus leitores, precisando-a quanto à época e personagens envolvidos.

É no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro (de Barcelos), filho bastardo do rei D. Dinis, que mais passos narrativos se conseguem encontrar. No entanto, no caso de se detetar o mesmo episódio nos nobiliários anteriores – muito mais curtos e incompletos – nota-se que houve um certo trabalho de composição da história por parte do redator posterior. Há assim, aqui e ali, sucessões de acontecimentos que se contradizem, mantendo-se os elementos básicos os mesmos¹³.

A conjuntura é de guerra. Guerra contra reis muçulmanos da Península ou a ela chamados, com quem, às vezes, – nos relatos mais antigos – se denota haver alguma convivalidade com os cristãos. Imersas neste ambiente, mas sem a ele estarem diretamente ligadas, muitas rivalidades: entre os membros desta nobreza, entre membros da mesma família, entre vassallos e suseranos. O motivo tem quase sempre que ver com a posse de território. As questões patrimoniais voltavam irmãos contra irmãos ou cunhados, vassallos contra o seu senhor¹⁴. Paralelamente, a necessidade de “lavar a honra” por ofensas variadas, nomeadamente à integridade física, à honra própria ou do seu senhor, e por traição, resultavam em ações, por vezes extremas, de violência.

As descrições de cenários de guerra, algumas bastante cruas, não levantam, contudo, suspeitas de abuso de violência. Era o palco próprio da expressão da agressividade humana, completamente justificada quando o ideal era justo¹⁵.

Os cristãos (...) entendiam que andavam cobertos da graça da Vera Cruz, em que trariam os olhos, e andavam per a lide derribando e matando e estroindo a sa vontade, como fidalgos que estavam mui mazelados de muito mal que passaram, e andavam per a lide como leões bravos. As espadas que trariam eram muito alvas; ali se tornaram

¹⁰ Por exemplo, Mattoso, *Ricos-Homens...*, 45-68, ou nas biografias de M. G. Martins, *Guerreiros Medievais Portugueses*, Lisboa, 2013.

¹¹ L. Krus, “A morte das fadas: a lenda genealógica da Dama do Pé de Cabra”, *Ler História* 6, 1985, 3-34; J. C. Miranda, “A ‘Lenda de Gaia’ dos Livros de Linhagens: uma Questão de Literatura?”, *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas* 2.5.2, Porto, 1988, 483-515; J. C. Miranda, “Osoir’Anes, a mulher-que-canta e as tradições familiares dos Marinheiros”, *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas* 2.20.1, Porto, 2003, 117-129.

¹² J. Mattoso, *Narrativas dos Livros de Linhagens*, Lisboa, 1983, 79.

¹³ Como por exemplo na Lenda de Miragaia (LV 2A1 e LL21A1) ou do desentendimento de Gonçalo de Sousa com Afonso Henriques por causa da mulher do primeiro (LV 1M7 e LL22A5).

¹⁴ A inserção de excertos de obras literárias estranhas à conjuntura hispânica também versa sobre estas matérias, como em “As Filhas do Rei Lear” (LL 2C10) e “Mordech e o Rei Artur” (LL 2E3), in Mattoso, *Narrativas...*, 19-21.

¹⁵ M. G. Ventura, “A “guerra justa”: tradição, doutrina e prática nos inícios da modernidade. O caso português”, *Homo Viator – Estudos em Homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa, 2004, 565-586.

vermelhas com sangue, [e corria pelos manípulos de-las lorigas ataa os cotovelos, pelos mui grandes golpes que se ali faziam].

Ali foi a morte deles grande.

E vi estes Portugueses assi revolver a lide e ferir tam estranhamente que semelhavam diabos do inferno.

LL 21G15

E na descrição de Soeiro Soeiro Mendes da Maia, o Lidador, são as qualidades de guerreiro desapiedado que compõem a imagem de herói¹⁶.

(...) chamou-se vencedor das lides porque era aventureado em elas, e havia tal força que em todo homem que possesse a lança nom lhe valia armadura que se lhe nom quebrasse, que lha nom metesse pelo corpo.

LL 21G6

E o seu exemplo de bravura era seguido pelos seus cavaleiros, sem que houvesse suspeita de não haver aprovação divina¹⁷:

(...) E de todas as partes do mundo, en aquel tempo, escraciam a sas bondades, das cavalarias que faziam. Ali se espedaçavam capelinas e bacinetes, e talhavam escudos e esmalhavam fortes lorigas. E feriom-se de tam dura força e de tamanhos golpes, que os cristãos da Espanha, e os Mouros que desto ouvirom falar, dos talhos das espadas que naquel logar foram feitos, disserom que taes golpes nom podiam ser dados por homens. E esto nom foi maravilha por assi teerem, ca i houve golpes que derom per cima dos ombros que fenderom metade dos corpos e as selas em que iam e gram parte dos cavalos, e outros talhavam per meio, que as meetades se partiam cada uma a sa parte. E disserom que Sam Tiago os fezera com sa mão, pero a verdade foi esta: eles foram dados por os mui booss fidalgos com ajuda de Sam Tiago.

LL 21G6

Numa lógica moralmente semelhante, também os bons vassalos eram considerados insuspeitos de usarem de força excessiva na defesa dos seus senhores. Desde as origens da formação de mesnadas, o principal vínculo entre um líder de uma formação militar e os membros do seu séquito era materializado num juramento de lealdade pessoal¹⁸. Entre as obrigações exigidas ao vassalo estava a de aconselhar bem e com equidade o seu senhor, de modo a que pudesse tomar decisões justas. Sem os seus avisamentos, alguns senhores acabavam por cair nas mãos de maus conselheiros, com terríveis consequências para a sua terra e os seus dependentes. As desventuras de D. Pedro I, rei de Castela (1334-1369) à frente do seu reino, por exemplo, eram justificadas pela sua permeabilidade aos maus conselhos, pois,

(...) com este rei dom Pedro. Andava i dom Joham Afomso, o Boo, senhor d'Albuquerque e de Medelim, eram ambos muito amigos, e enquanto eles estiverom com el rei e o conselharom, passou o reino bem. E depois que d'i partirom, desaveo-se el rei de todolos boos do reino.

¹⁶ “To be the best knight in the world means not to be the greatest landlord but to show the greatest prowess”; “Prowess and honour are closely linked in the knights’s minds, for the practice of the one produces the other, a theme tirelessly expounded in all chivalric literature” (R. W. Kaeuper, *Chivalry and Violence in Medieval Europe*, Oxford, 2006, 132; 129).

¹⁷ Cf. M. Keen, *Chivalry*, New Haven/ London, 1984, 50.

¹⁸ R. Barber, *The Knight and Chivalry*, London, 1974, 22.

(...) E, como o foram soterrar em uma nobre capela, que chamam – logo todos foram pera mal, ca el rei dom Pedro matou uuns, e os outros pôs fora da terra.

LL 21G15

E já em tempos do rei Garcia da Galiza (1065-1071), D. Rodrigo Froiaz não hesitara em matar o mau conselheiro do seu senhor, que “o fazia perder a sua terra”, mesmo com sacrifício do seu próprio destino:

E veendo dom Rodrigo Froiaz a sa maldade, e como fazia perder a el rei sa terra, uum dia entrou pelo paaço e matou i o privado.

El rei houve-se desto por mui viltado, e dom Rodrigo Froiaz partio-se d’el rei com grandes companhas.

LL 21G7

As vítimas de atos de traição eram, pelo contrário, olhadas com compaixão mesmo pelos seus adversários. No capítulo do Livro de Linhagens dedicado aos Infantes de Lara, Almançor, pela compaixão que exhibe perante o caso de traição familiar perpetrada por Rui Vasques, atua como contraponto à maldade deste.

Este Gusteus Gonçalves foi o que morreo na lide que o conde dom Fernam Gonçalves houve com Almançor (...) E dom Gonçalo Gusteuz casou com dona Sancha, irmã de dom Roy Vaasquez de Burueva, e fez em ela sete filhos (...).

E depois, estes ifantes feze-os matar Rui Vaasquez, seu tio, no campo d’Almenar aos Mouros a traçam (...). E fezera ante prender a Gonçalo Gostiiz per cartas falsas que enviou a Almançor que o matasse. E Almançor nom o quis matar, e prende-o. E levarom as cabeças a Almançor, a Cordova, u el estava, e el mandou-as deitar deante de Gonçalo Gostiiz em uma manta e as conheceo, ficou tal como sandeo, e houvera a morrer.

E Almançor, com doo que houve dele, enviou-lhe uma prima mui fermosa e muito entendida, que era moura, que o confortasse no carcer u jazia. E em confortando-o ela, jouve ele com ela, e empenhou-a de uum filho que houve nome Mudarra Gonçalves.(...) queimou a aleivosa de dona Lambra, molher de Rui Vaasques, per que lhe este mal veera.

LL 10A1

E, naturalmente, o ambiente de guerra proporciona oportunidades a indivíduos de muitas proveniências diferentes como a da história de Rui Babilom¹⁹, verdadeiro modelo de cavaleiro andante português, cujas ambições, vivências e comportamentos foram tão bem descritas por José Mattoso, na esteira do estudo de Georges Duby sobre os jovens da França do Noroeste²⁰.

Muitas das histórias onde se detetam atitudes violentas individuais têm a ver com situações de lavagem de honra²¹, nomeadamente por terem sido alvo de traição, por exemplo em casos de adultério.

No episódio chamado de Lenda de Miragaia, o Rei Ramiro, enamorado da irmã de um rei mouro que pretendia tornar sua concubina, viu a mulher ser raptada com toda a sua casa, isto é, as suas companheiras e servidoras – pelo muçulmano. Depois de a conseguir resgatar, o marido deu com ela chorando e elogiando o raptor. E, perante tal

¹⁹ LL 72C2.

²⁰ J. Mattoso, “Cavaleiros andantes. A ficção e a realidade”, in *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*, Lisboa, 1980, 353-369; G. Duby, “Les jeunes dans la société aristocratique dans la France du Nor-Ouest au XII^e siècle”, in *Hommes et Structures au Moyen Âge*, Paris, 1973, 213-225. R. W. Kaeuper, *Chivalry and Violence ...*, 130: “knights were indeed the privileged practitioners of violence in their society”.

²¹ Ibidem, 130: “Honour is the veritable currency of chivalric life, the glittering reward earned by the valorous as a result of their exertions, their hazarding of their bodies”.

atitude, foi o próprio filho que “disse ao padre ‘Padre, não levemos connosco mais o demo’”²².

E a rainha acabou por ser lançada ao mar amarrada a uma mó que serviu de âncora.

Apesar da doutrina cristã ou mesmo as leis civis em vigor não preverem a condenação à morte das mulheres condenadas por adultério, até porque se tratava de uma matéria do foro privado²³, o assassinato das que eram acusadas de desonestidade por parte dos próprios cônjuges, não era normalmente punido por parte dos oficiais de justiça. Nem mesmo quando o crime ocorria injustamente, como sucedeu no caso do assassinato da mulher de Fernão Rodrigues de Castro, confundida com a sua covilheira quando esta, à noite, se escapava para se encontrar com o amante.

(...) Uma covilheira de sa molher (de dom Fernam Rodriguez) dona Estevainha fazia mal com uum peom e ia cada dia ao serão a el, a uum pomar des que se deitava sa senhor, e levava cada dia o pelote de sa senhor vestido. (...)

E dom Fernam Rodriguez foi pera la quanto pode, e travou no peom, e enquanto o matava fugio ela pera casa e colheo-se sô o leito u sa senhor jazia dormindo com seu filho dom Pero Fernandez nos braços. E des que Fernam Rodriguez matou o peom, endereçou pera o leito u jazia sa molher dormindo com seu filho, e chantou o cuitelo em ela e matou-a. E des que a matou pedio lume, e quando a achou jazer em camisa e seu filho a par de si, maravilhou-se e catou toda a casa, e achou a aleivosa da covilheira com o pelote vestido de sa senhor sô o leito, e perguntou-lhe porque fizera tal feito. E ele lhe disse que fezera como maa. E ele mandou-a matar e queimar por aleivosa.

O emperador disse: Fernam Rodriguez, eu vos doo por boo e por leal (...).

Este dom Fernam Rodriguez houve virtude em quantas lides entrou, totalas venceo.

LL 11C7

Nesta tipologia de episódios que têm como causa das atitudes violentas masculinas a defesa da honra viril, são as mulheres que surgem como as principais vítimas. Os coniventes, masculinos ou femininos, podem, eventualmente, pagar também pelo papel que desempenharam enquanto cúmplices ou parceiros, como vimos no caso com que abrimos este texto. Mas é mais natural que a sua punição se resuma a um ato de humilhação infligida publicamente ou a ameaças de futura vingança.

Um dos episódios mais conhecidos é o que relata como acabou o cortejamento entre Afonso Henriques e a mulher de D. Gonçalo de Sousa.

E casou dom Gonçalo outra vez com Sancha Afonso das Asturias. E porque lha ia doneando rei dom Afonso, que era seu hospede, trusquio-a logo, e poze-a em uma azêmela albardada e um escudeiro que lha tangesse, e enviou-a para sa terra, e fege com ela meter búrrela a todos os rapazes que em sa casa eram.

E entom foi el rei dom Afonso mui bravo, e disse a dom Gonçalo: “Ca per chus pouco que esto cegou o meu avoo ao vosso”. E dom Gonçalo lhe respondeo: “Senhor, no metades em esso mentes; ca o cegou a gram torto, e morreo por ende a gram direito”.

LV 1M7 / LL 22A5

A forma ríspida como o Mordomo-mor de Afonso Henriques responde ao seu rei levou José Mattoso a concluir que “As relações entre os Sousas e o rei nem sempre

²² LV 2A1, LL21A1: “(...) Ali foram dizer a el rei que a rainha siia chorando (...) ‘Porque mataste aquele mouro, que era melhor que ti’. E o ifante disse contra seu padre: Este é o demo”. E el rei mandou-a entom amarrar a uma moo e lança-la ao mar”.

²³ Ruth Mazo Karras, *Unmarriages. Women, men, and sexual unions in the Middle Ages*, Filadelfia, 2012, 16.

devem ter sido cordiais” e que, por vezes, eram até “de intensa rivalidade” com os membros desta linhagem e de outras²⁴ como, por exemplo, a dos Braganções “em que imperam os crimes e a violência”²⁵. Apesar de José Mattoso avisar que “As tradições chocantes, para a nossa sensibilidade” podiam não o ser tanto “para quem as contava nos séculos XII e XIII”²⁶, nota-se que existe da parte dos redatores dos vários livros de linhagens, uma especial parcialidade relativamente aos membros desta família, todos considerados – embora com níveis diferentes – amorais e/ ou anormalmente violentos como é o caso do contemporâneo do primeiro rei de Portugal, Fernão Mendes de Bragança. Não sabemos se o excessivo comportamento deste nobre terá sido a causa de se “desenterrarem” ou “inventarem” tradições igualmente condenáveis sobre os seus antepassados ou de se criar o hábito de criticar os aspetos vivenciais de todos os membros da sua família. As narrativas moralmente reprováveis incidiam logo sobre o fundador da linhagem:

Dom Mendo Alão de Bargaça filhou por força uma filha d’el rei d’Armenia que ia em romaria a Santiago; e fege em ela dom Fernam Meendez, o Velho, e dona Ouroana Meendez.

LD 12A1

E depois de um começo pouco edificante, fruto de um *rousso* de um clérigo a uma princesa arménia, a linhagem continuou a ter hábitos deploráveis do ponto de vista social, segundo nos descrevem os narradores. Lembremos que, provavelmente, os costumes censuráveis não eram assim tão diferentes dos que sucediam em outras famílias; porém, comprovavam a ruindade consanguínea que iria gerar uma personagem que, na sua geração, fora considerada exageradamente violenta.

Urraca Mendes, irmã de Fernão Mendes, também é incluída entre aqueles que merecem reprovação moral: era acusada de adultério com um Soeiro Pais Mouro e de não respeitar a memória do defunto marido:

E este dom Soeiro Paaez, d’alcunha Mouro (...) entendia em dona Orraca Meendes, molher de dom Diego Gonçalvez, que era irmã de dom Fernam Meendez, o Braganção, de padre e de madre, que outrossi era mui manceba e mui fermosa. (...) E esta dona Orraca Meendez havia de dom Diego Gonçalvez peça de filhos. (...) E quando soube que seu marido fora morto na batalha que el rei dom Afonso, o primeiro rei de Portugal, houve com os Mouros no campo d’Ourique, nom leixou porem de casar com dom Soeiro Mouro.

LL 42

Os dois irmãos de Urraca tinham uma história comum também pouco recomendável em termos de memória familiar. Rui Mendes, próximo de Afonso Henriques e membro da sua corte entre 1130 e 1135, governador de Seia em 1132²⁷, encontrara a morte numa lide com Fernão Mendes, com o qual já se encontrava anteriormente desavindo.

(...) Rui Meendez, que cegou entrante à lide que houve com seu irmão dom Fernam Meendez, porque lhi jurara em Santa Maria de Moreirola que nom fosse contra ele (...) cegou entrante à lide e morreo em ela.

LD 12A1-4

²⁴ Mattoso, *Ricos-Homens...*, 50.

²⁵ *Ibidem*, 65.

²⁶ *Ibidem*, 65.

²⁷ *Ibidem*, 66.

Fernão Mendes, o Bravo ou o Braganção era, de facto, uma personagem que os próprios narradores consideravam ultrapassar os trâmites normais de um comportamento de um jovem, viril e impetuoso. Por todo o Ocidente, a sociedade condescendia com a forma como os cavaleiros, enquanto jovens, se comportavam na fase anterior ao seu casamento, por vezes precipitando o mesmo através do rapto de noivas proibidas ou pouco adequadas ao estatuto social da sua própria família²⁸. Como reconhece Richard W. Kaeuper, a ordem pública medieval, tinha nesta elite armada e autoritária a sua principal perturbação²⁹. E Fernão Mendes era, como representante deste estrato social, um exemplo de extrema violência, ridicularizado e criticado pelos seus comportamentos extremos.

O *Livro do Deão* sugere-nos, aliás, que as histórias desta personagem eram sobejamente conhecidas dos seus leitores quando descreve talvez a mais tenebrosa das memórias que se guardavam do Braganção:

Este dom Fernam Meendez, o Bravo, foi o que meteo sa madre na pele da ussa, e pose-lhe os cães, porque lhe baralhara com a barregãa.

LD 12A1

Para depois o ridicularizar lembrando a sua inabilidade para o manuseamento de armas de caça:

E este foi o que cortou o dedo, porque errou o usso, com a azecua.

LD 12A2

E finalmente revelar o episódio de que também o *Livro de Linhagens do Conde Dom Pedro* faz eco, narrando-o minuciosamente:

(...) sendo este dom Fernam Meendez em Coimbra, comendo com este rei dom Afonso, e sendo i dom Sancho Nuniz e dom Gonçalo de Sousa rriam-se de uma pouca de nata que caira pela barva a dom Fernam Meendez.

E dom Fernam Meendez houve tam grande sanha d'el rei que nunca se quis aviir com el nem com dom Gonçalo de Sousa, ataa que lhe houve a outorgar a terra de dom Gonçalo de Sousa e a ifante sa filha, molher de Sancho Nuniz.

LL 37B2

Ou, como explica o *Livro do Deão* na enumeração dos comportamentos aberrantes do Braganção:

²⁸ Veja-se o rapto de Maria Pais Ribeira, concubina do rei Sancho I de Portugal: “E este Gomez Lourenço nom foi casado, mais filhou por força em Avelãs dona Maria Paez Ribeira, que se vinha de Coimbra, u soterrara el rei dom Sancho de Portugal, que a trazia consigo, e de que havia seus filhos (...). E ela vindo assi mui triste com seu doo pera sa terra e pera mui grande algo que ela havia, e como muito honrada que ela era vindo com ela seu irmão dom Martim Paez Ribeiro, sahio a ela ao caminho o sobredito Gomez Lourenço e filhou-a por força, e foi chagado dom Martim Paez Ribeiro, seu irmão” (LL 36BN9).

²⁹ Kaeuper, *Chivalry and Violence ...*, 11-29: “in the problem of public order the knights themselves played an ambivalent, problematic role and (...) the guides to their conduct that chivalry provided were in themselves complex and problematic” (3).

E este foi o que levou por prema d'el rei dom Afonso, o primeiro rei de Portugal, a irmã que tinha casada com dom Sancho Nunez de Barvosa, e a terra de dom Gonçalo de Sousa, o Bom, porque se rrirom del ante el rei, por uma pouca de nata que lhi caera pela barba, sendo i comendo.

LD 12A3-4

Ou seja, se bem que nos séculos XI a XIV, a que pertencem a maioria dos relatos de que vos dei conta, o comportamento normal de um homem da elite guerreira tivesse uma dose de agressividade considerada inerente ao seu próprio estatuto e atividades, nomeadamente em cenário de guerra, e a sociedade fosse bastante complacente em relação a algumas das suas condutas, não deixava de haver um limite para as atitudes violentas que alguns apresentavam de forma continuada. Era o caso de Fernão Mendes de Bragança, mas outros houve que acabaram por pagar com a própria vida a incapacidade demonstrada em inibir a sua impetuosidade e de cometer atos sociais que, a pouco e pouco, iam sendo considerados desviantes³⁰.

BIBLIOGRAFIA

- R. Barber, *The Knight and Chivalry*, London, 1974
- G. Duby, “Les jeunes dans la société aristocratique dans la France du Nor-Ouest au XII^e siècle”, in *Hommes et Structures au Moyen Âge*, Paris, 1973, 213-225
- G. Duby, “Morale des prêtres, morale des guerriers”, in *Le Chevalier, la Femme et le Prêtre. Le mariage dans la France féodale*, Paris, 1981, 27-59
- R. W. Kaeuper, *Chivalry and Violence in Medieval Europe*, Oxford, 2006
- R. M. Karras, *Unmarriages. Women, men, and sexual unions in the Middle Ages*, Filadelfia, 2012
- M. Keen, *Chivalry*, New Haven/ London, 1984
- L. Krus, “A morte das fadas: a lenda genealógica da Dama do Pé de Cabra”, *Ler História* 6, 1985, 3-34
- L. Krus, *A concepção nobiliárquica do espaço ibérico (1280-1380)*, Lisboa, 1994
- M. G. Martins, *Guerreiros Medievais Portugueses*, Lisboa, 2013
- J. Mattoso – L. Krus – O. Bettencourt, “As Inquirições de 1258 como fonte da história da nobreza – o julgado de Aguiar de Sousa”, *Revista de História Económica e Social* 9, 1982, 17-74
- J. Mattoso, (ed. Crit.). *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, 2.1; 2.2, Lisboa, 1980
- J. Mattoso, “Cavaleiros andantes. A ficção e a realidade”, in *A Nobreza Medieval Portuguesa. A Família e o Poder*, Lisboa, 1980, 353-369
- J. Mattoso, “Os livros de linhagens portuguesas e a literatura genealógica europeia da Idade Média”, in *A Nobreza Medieval Portuguesa. A família e o Poder*, Lisboa, 1980, 35-54
- J. Mattoso, *Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal (1096-1325)*, 2 vol., Lisboa, 1985
- J. Mattoso, *Narrativas dos Livros de Linhagens*, Lisboa, 1983
- J. Mattoso, *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, Lisboa, 1982

³⁰ Cf. LL36BN9.

- J. C. Miranda, “A ‘Lenda de Gaia’ dos Livros de Linhagens: uma Questão de Literatura?”, *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas* 2.5.2, Porto, 1988, 483-515
- J. C. Miranda, “Osoir’Anes, a mulher-que-canta e as tradições familiares dos Marinheiros”, *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas* 2.20.1, Porto, 2003, 117-129
- J. Piel – J. Mattoso (edd. crit.), *Livros Velhos de Linhagens*, Lisboa, 1980
- M. G. Ventura, “A ‘guerra justa’: tradição, doutrina e prática nos inícios da modernidade. O caso português”, *Homo Viator – Estudos em Homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa, 2004, 565-586